

CURRÍCULOS VIVIDOS EM ANDANÇAS UNIVERSITÁRIAS: CORPOS, AFETOS E ENCONTROS

Nathan Moretto Guzzo Fernandes¹
Fernanda Binda Alves Touret²

RESUMO

Quais imagens de currículos o *campus* universitário produz? O que pode uma experimentação com estudantes que andam por outros espaços do *campus* universitário para problematizar os currículos nas dimensões do vivido/prescrito? A partir dessas duas questões, o artigo procura pensar a universidade e os currículos como lugar de encontros, entrelaçado à filosofia spinozana, segundo a qual corpos podem ser afetados e abalar os currículos formatados para disciplinar. Apresenta como mote para essa experimentação linhas de currículos traçadas em um exercício que cartografou os efeitos produzidos no encontro com estudantes do curso de Pedagogia e diferentes lugares da Universidade Federal do Espírito Santo durante uma aula de campo (galerias de arte, biblioteca e outros). Levanta a necessidade de pensar o currículo em suas bifurcações, em seus interstícios, seus descaminhos e suas linhas de fuga. Por fim, em meio aos percursos tomados durante a aula, experimenta pensar os currículos pelas capturas fotográficas e pelos escritos das estudantes como território de multiplicidades, medo, desterritorializações, cultivo de alegrias e acontecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Currículos; Imagens; Encontros; Afetos.

ABSTRACT

What images of curricula does the university campus produce? What can emerge from an experimentation with students who wander through different spaces of the university campus to problematize curricula in the dimensions of the lived/prescribed? Based on these two questions, this essay seeks to think of the university and its curricula as a space of encounters, intertwined with Spinozist philosophy, according to which bodies can be affected and shake the formatted, disciplinary curricula. It presents as the guiding thread of this experimentation the curricular lines traced in an exercise that mapped the curricular affects produced in encounters with students from the Pedagogy program and various spaces of the University X (X) during a field class (art galleries, library, and others). It raises the need to think about curriculum through its bifurcations, interstices, detours, and lines of flight. Amid the paths

¹ Doutorando e mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes). Professor de Geografia na rede estadual de ensino da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (Sedu/ES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9541-9370>. E-mail: nathanmoretto1@hotmail.com

² Doutoranda e mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes). Professora de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Vitória.. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2898-> E-mail: ferbinda@yahoo.com.br

taken during the class, it finally experimented with thinking curricula through the students' photographs and writings, as a territory of multiplicities, fear, deterritorializations, the cultivation of joys, and events.

KEYWORDS: Curricula; Images; Encounters; Affects.

1. UMA FORÇA ESTRANHA

Eu vi um menino correndo
Eu vi o tempo
Brincando ao redor do caminho daquele menino
Eu pus os meus pés no riacho
E acho que nunca os tirei
O Sol ainda brilha na estrada, e eu nunca passei
Eu vi a mulher preparando
Outra pessoa
O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga
A vida é amiga da arte
É a parte que o Sol me ensinou
O Sol que atravessa essa estrada que nunca passou
Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha
Por isso é que eu canto, não posso parar
Por isso essa voz tamanha
(Força Estranha. Caetano Veloso, 1978)

Este artigo deriva de uma vontade de alegria e de um exercício coletivo realizado no segundo semestre de 2023 na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Consistiu em uma experimentação para vivenciar outros espaços do *campus* universitário, para além da sala de aula do terceiro período do curso de Pedagogia/Ufes. Os lugares aqui mobilizados não são concebidos como recortes físicos estáticos, mas como campos de composição atravessados por multiplicidades, encontros e contingências, em consonância com a noção de lugar, desenvolvida por Doreen Massey, compreendida como simultaneidade de estórias-em-curso e como constelação sempre mutante de trajetórias que coloca em jogo o permanecer juntos (Massey, 2012). Nesse percurso, foram visitadas a Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu/Ufes), a Galeria Dadá (Centro de Artes/Ufes) e a Exposição Moradores da Floresta (Biblioteca Central/Ufes), além de zonas de passagem constituídas pelos prédios de outros cursos.

Como exercício de pensamento, as estudantes fizeram registros fotográficos de momentos/pontos marcantes da aula de campo. Ao final, selecionaram a fotografia que mais as afetou para postar na sala de aula virtual da turma. A partir da imagem escolhida, cada estudante produziu enunciações poéticas ante os afetos relacionados àquele momento. Que imagens de currículos os espaços da universidade nos provocam a pensar?

Figura 1: Imagem I escolhida por uma aluna (2023).



Fonte: Acervo dos autores (2023).

Neste texto-ensaio, interessou-nos pensar os coengendramentos do currículo vivido e concebido no cotidiano universitário em sua relação com processos normalizadores e disciplinares tão presentes no currículo formal/prescrito. Aposta nos currículos vividos em suas possibilidades de variação, de abertura ao inesperado e aos acontecimentos, feito o sol da canção “que atravessa essa estrada que nunca passou”.

Segundo Deleuze (2015, p. 152), “[...] o acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá o sinal e nos espera [...]”, portanto, nos atravessa, nos desloca e nos faz movimentar em uma dança dos encontros, fazendo variar nossa potência de agir diante do que nos ocorre. A variação, nesse caso, é considerada força de existir, “uma força estranha” como na letra de Caetano Veloso, em que o artista se conecta com as forças do mundo para cantar o presente e comunga das experiências vividas para glorificar a vida. Essas forças que nos levam a cantar são os afetos alegres, que expandem as potências do tempo.

Os acontecimentos são incorporais como “vapores d’água” (Deleuze, 2015), pois, apesar de possuírem uma certa corporeidade como a névoa úmida do vapor d’água, ainda assim são incorporais. No entanto, o que Deleuze nos aponta é a possibilidade de um frescor, na qual a potência dos acontecimentos age para movimentar “bons ou maus encontros” (Spinoza, 2009).

Levamos conosco o menino-potência para fazer encontros brincantes com as alunas, em acontecimentos que variam as potências em meio ao canto do encontro com os signos da arte. Essa “força estranha” funciona tal qual rios voadores, os quais Krenak (2020) nos diz serem aqueles que, embora desloquem uma imensa quantidade de fluido, não são visualizados, apenas sentidos no encontro entre esses corpos.

Perpassamos por uma certa força de estranheza que deslocou a outros modos nos encontros com os signos da arte pelos quais as estudantes se afetaram ante as obras, fazendo o tempo parar em meio a uma certa suspensão em que os corpos se achavam potencializados diante de alguns bons encontros — ou não. Quem sabe, talvez esses encontros por afetos de um menino em potência se puseram a correr e remexer aquilo que os acomoda e acaba por transpô-los a brincar ao redor do caminho? Esse menino-potência, que passeia olhos e corpos no encontro com a arte e andarilha diante de uma proposta realizada pelo professor, criou asas e pousou, ousou, riscou outros modos, impensados para uma aula clássica da disciplina de currículo.

A noção de encontro em Spinoza (2009) está diretamente relacionada à sua concepção de afetos e corpos. Para Spinoza, todo corpo é afetado por outros corpos e, por sua vez, também afeta outros nessa relação. O encontro entre corpos pode aumentar ou diminuir a potência de agir de um corpo, ou seja, pode gerar afetos positivos (como a alegria, que amplia a potência) ou negativos (como a tristeza, que a diminui).

Em um encontro, os corpos se influenciam mutuamente de acordo com sua compatibilidade. Se os corpos são compatíveis, há uma composição harmoniosa, resultando em aumento de potência. Se são incompatíveis, há uma decisão, o que reduz a potência de agir. Esse processo é fundamental para a ética spinozana, pois o encontro com outros corpos e suas consequências afetam diretamente nossa capacidade de existir e atuar no mundo.

Que imagens de currículos uma aula que caminha por outros territórios de uma universidade pública nos afetam/provocam a pensar? Pode o encontro com novos lugares afirmar as liberdades de um corpo e nos fazer cantar? Que marcas de um território colocam os corpos em variação?

No curso sobre Baruch de Spinoza, de 1978, o filósofo Gilles Deleuze, ao entrar em relação intensa com a obra, nos apresenta as diversas nuances do pensamento de Spinoza. Uma delas, apresentada em janeiro daquele ano, é a relação entre o afeto e a ideia. O que seria a ideia? A representação de algo — de um pensamento, de uma imagem. “A ideia,

enquanto representa alguma coisa, é dita ter uma realidade objetiva. Esta realidade objetiva é a relação da ideia com o objeto que ela representa” (Deleuze, 2019, p. 35).

Enquanto a ideia representa, o afeto é um modo de pensamento não representativo: “[...] chama-se de afeto todo modo de pensamento que não representa nada [...]” (Deleuze, 2019, p. 36). A angústia, a solidão, a alegria e a paixão, por exemplo, são afetos que, embora haja uma ideia sobre eles, em si não são representáveis *a priori*. Não sendo um pensamento representativo, é considerado afeto na filosofia de Spinoza e não uma ideia. Apesar de serem de natureza diferente, não se trata de superioridade ou dicotomia entre ideia e afeto ou vice-versa, pois a ideia é uma forma de expressar as relações entre os afetos em graus contínuos de variação; à medida que uma ideia substitui a outra, eu não cesso em variar.

Por que esse princípio particular ao filósofo nos interessa para pensar a educação, os currículos e os corpos? De acordo com Deleuze (2019), o afeto para Spinoza é uma experiência que ocorre no corpo, influenciando as emoções, as sensações e os sentimentos. Os afetos são produzidos por encontros entre o corpo e outros corpos, humanos ou não humanos (pássaros, gatos, minhocas, árvores, lugares, artefatos tecnológicos etc.). Mergulhados com os pés no riacho, sem retirá-los do fluido, as afecções dadas nos corpos perseveravam a cada ajuntamento de modos diversos e, sendo a universidade lugar de encontros, esse exercício apresentou a possibilidade de fazer variar o estado de um corpo, produzindo alegria e/ou tristeza.

Figura 2: Imagem II escolhida por uma aluna (2023)



Fonte: Acervo dos autores (2023).

Enquanto os afetos tristes (violência, medo, inveja etc.) produzem passividade, apequenando nossa potência de agir, os afetos alegres (amizade, alegria, cooperação etc.) ativam essa força, criam modos de ser no/do/com o mundo. “A tristeza será toda paixão, qualquer paixão, que envolva uma diminuição de minha potência de agir; e a alegria será toda paixão que envolva um aumento de minha potência de agir” (Deleuze, 2019, p. 41).

Pela força de uma experimentação curricular que andarilha pela universidade, passamos a partir daqui aos encontros com as estudantes. Junto aos signos da arte, desenharemos os cantos de deslocamentos em meio à tessitura de uma cartografia que passeia, acompanha os processos e se afasta das ciladas representacionais de objetos para abrir-se aos afetos (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015). Afinal, “a vida é amiga da arte” e ela insiste em perseverar para afirmar potências em que pausa e revoa a atenção das alunas que produzem trajetórias errantes em currículos a propagar diferenças.

2. ESPRAIANDO ENCONTROS, IMPRIMINDO AFETOS

Pelo gesto cartográfico, nesta dobra do artigo, apresentaremos e problematizaremos as produções das estudantes. Nosso intuito, nesse movimento, é compartilhar a experiência para que outros possam entrar em relação com aquilo que foi vivenciado. Desejamos que, nesse encontro, novos agenciamentos sejam forjados, configurando o modo de condução da pesquisa e afirmando a cartografia como metodologia.

Tal aposta metodológica se ancora na cartografia como modo de acompanhar processos em curso, atentos às intensidades que atravessam o campo da pesquisa. Mais do que recolher dados ou descrever resultados, trata-se de sustentar uma pesquisa que se faz no entre, no acompanhamento dos encontros que mobilizam corpos, espaços, imagens e tempos. A escrita, nesse sentido, compõe-se como continuidade do próprio campo, assumindo-se como gesto implicado e atravessado pelas forças que emergem da experiência compartilhada.

A opção por não identificar nem nomear as participantes do estudo sustenta-se em uma perspectiva ético-política que compreende a pesquisa como produção de conhecimento em um plano coletivo de experiência, no qual os enunciados não pertencem a sujeitos individualizados, mas emergem dos encontros entre corpos, lugares, imagens e acontecimentos. Nomear participantes implicaria fixá-los em identidades reconhecíveis, reinstalando lógicas representacionais e hierarquizantes, responsáveis por capturar processos em curso. Ao manter as enunciações em sua dimensão impessoal e coletiva, afirma-se a

cartografia como método que acompanha variações, deslocamentos e forças em relação, recusando a centralidade do sujeito como unidade explicativa e preservando a abertura ética do acontecimento produzido na pesquisa (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015).

Esse gesto de partilha não tem a intenção de produzir vitrine ou de criar modelos, mas caminha no sentido de colocar em jogo, de abrir a experimentação para novas possibilidades de variação com as imagens e as narrativas, de fazer funcionar novas conexões. Afirmamos que, nos currículos e nas aprendizagens, se articulam a repetição e a variação, os afetos tristes e alegres, os processos de territorialização e desterritorialização. No entanto, adentramos pela via da força de vida em meio a essa multiplicidade para aumentar a potência de agir junto ao coletivo dos corpos, fazendo explodir alegrias.

Esse movimento de experimentação pelo *campus* universitário, em que o grupo pôde se afetar mutuamente na relação com os diferentes espaços, articulando um fluxo curricular conforme estilos singulares de performar, objetivou produzir agenciamentos que fizeram eclodir voz e expressão nos encontros com forças intensivas experimentadas durante a andarilhagem pela universidade.

Tratou-se de um movimento que fez o corpo vibrar ou que pôde suscitar a vibratibilidade para tornar possível a expressão dos afetos de incertezas, esperança, alegria, riso, medo e tantos outros que transbordam a experiência vital, de modo a traçar o currículo como plano coletivo de forças a partir do acontecimento positivo da diferença.

2.1. ENTRE ANDANÇAS, SILÊNCIO E ORDEM

Nos movimentos das estudantes, ao entrarem em relação com alguns signos da arte em seus trajetos errantes, fagulhas de uma certa tristeza se espraíram em seus corpos. Decerto Spinoza (2009) nos apresenta a tristeza como uma força que irrompe nossa potência de agir, fazendo-a incorrer em uma diminuição de sua força; em contrapartida, a alegria, quando nos atravessa, aumenta nossa potência de ação. No entanto, há de se fazer referência nesse ponto acerca de questões importantes em relação à tristeza e à alegria, pois elas não ocorrem em processos permeados pela dicotomia e pela oposição. Nos cotidianos, entramos em relação com um emaranhado de forças que nos afetam e alteram nossa potência de agir; portanto, não há modos assépticos de separá-las. Ousamos escrever aqui alguns entremeios que saltaram ante os afetos junto às experimentações errantes com as alunas.

No decorrer da caminhada pelo *campus*, a turma deparou com uma sala de aula repleta de alunos em um silêncio expressivo. Por outro lado, as alunas andavam em turma

de modo esfuziante enquanto realizavam a experimentação proposta. No corredor, havia uma placa com os seguintes dizeres: *"Silêncio! Colegas estudando"*. Diante do aviso, o professor solicitou que a turma desviasse daquele corredor. Uma das alunas enunciou algumas forças que a marcaram naquele instante.

Figura 3: Imagem III escolhida por uma aluna (2023)



Fonte: Acervo dos autores (2023).

“Ignorei a instrução e entrei, por saber que sozinha não faria barulho, para poder observar o mural que continha a foto de um jovem que, segundo haviam dito, se suicidou. Ao me aproximar, senti-me ainda mais sensibilizada pelo mural de recordações e homenagens àquela pessoa que não conheci, mas compreendia. Senti que entendia um pouco da luta que aquele jovem [...] tinha com sua própria vida” (Enunciações da aluna).

A aluna seguiu atravessada por aquele acontecimento em tom de poesia, talvez uma tristeza poetizada que passou a gritar junto ao seu corpo.

“Não sei se estou vivendo
ou prendendo a respiração.
[...]
Crescido no mundo,
não soube se adequar
àquele sistema
que nos quer empilhar.
Um em cima do outro, fácil seria.
Mas não é nesse jogo
que tá nossa alegria”.
(Enunciações da aluna)

Onde está a nossa alegria? Há lugar de ser alegre ou ela nos atravessa e se esvai em tristeza ou em mais alegrias, sem se aportar em uma ou outra? Com esses questionamentos, não ousamos encontrar respostas, mas entrever modos em que “[...] nós estamos condenados ao acaso dos encontros [...]” (Deleuze, 2019, p. 49), seja para disparar, seja para desacelerar nossa potência de agir.

No encontro com a imagem do corredor silenciado pela turma atenta à aula ou pelo comunicado sobre o jovem que cometeu suicídio, pairou um movimento em que afecções de tristeza envolveram a estudante que resolvera infringir o que foi proposto pelo professor. Inquietações acerca de um possível viver ou prender a respiração a fizeram experimentar empilhamentos intrínsecos no “entremorte” e, por fim, buscar escapes em um pouco de possível para não sufocar (Deleuze, 2013).

O que seria morrer em Spinoza? Por morte, nos referimos às partes que deixam de nos pertencer. “Morro quando as partes que me pertencem ou que me pertenciam são determinadas a entrar sob outra relação que caracteriza um outro corpo [...]” (Deleuze, 2019, p. 234). Portanto, o encontro que desterritorializou a aluna ensurdecida pelo silêncio que insistia em gritar no corredor a deslocou em movimentos de questionar o “lugar de nossa alegria”, fazendo-se despir do que intenta recobrir decalques padronizados para alçar outros modos de irromper por trajetos errantes.

Esses movimentos com a turma provocaram o que Deleuze (2019) nos fala em Spinoza como uma experiência de morte, ocorrendo quando se desfaz daquilo que já não nos pertence para sacudir outros encontros. Em contrapartida, enquanto há vida, “[...] com efeito, partes extensivas que me pertencem sob certa relação, partes infinitamente pequenas que me pertencem, posso dizer: existo” (Deleuze, 2019, p. 234). Afinal, o encontro com a arte pode potencializar deslocamentos nos quais morremos e ressuscitamos em meio a movimentos de desterritorialização e reterritorialização, deixando de entrar em relação com algumas partes extensivas que passam a não mais nos pertencer. Então habitamos outras relações que seguem a nos afetar e nos constituir, ainda que de modo não perene. Esses encontros com os signos da arte permitiram que as alunas deixassem algumas existências morrerem para reexistir em outras relações, empreendendo transmutações em novos territórios.

Desse modo, morrer seria refazer trajetos para escapar do que tenta esmorecer as forças de vida. “O que desaparece com a morte é a efetuação da relação, não é a relação em si mesma” (Deleuze, 2019, p. 234). Nesse intento, as experimentações errantes continuaram

a vazar em movimentos de alegria por escapes contínuos no encontro com outros signos da arte, enquanto as partes que as compõem passaram a efetuar outras relações.

2.2. ENTRE ALEGRIAS E OUTROS ATRAVESSAMENTOS

Nas composições coletivas das estudantes em torno dos lugares pelos quais passaram, as experimentações com a escrita, o encontro com a arte, o que foi capturado em fotos e as redes de conversações ampliaram a pluralidade de vozes, fazendo emergir a diferença em contrapartida à síntese da uniformidade tão presente nos currículos das universidades.

“Dentre todas as fotos tiradas neste dia, este momento em específico foi o que mais me marcou e resolvi escolhê-la, o momento em que as estudantes de arte explicaram alguns fatos históricos da história da arte, referente às mulheres no mundo da arte, e suas obras, compartilhando das suas interpretações referentes às obras ali expostas e ouvindo nossas interpretações. Acredito que o currículo seja isso, o compartilhamento de ideias e troca de conhecimentos, a relação entre pares e não pares. Todos nos constituímos como currículo, num entrelaçamento dos seres e partilha de conhecimentos e ideias”.

“[...] a ideia da coletividade e de ter uma experiência de troca pelos ambientes acadêmicos reflete muito sobre currículo, pois currículo é algo vivido coletivamente, logo precisa ser pensado coletivamente”.

“Quando eu, um ano atrás, imaginaria viver uma aula dessa? A perspectiva que eu tinha de universidade era a mesma da minha escola de Ensino Médio: um lugar monótono, frio, em que cada um vive sua vida isoladamente, assiste às aulas” (Enunciações das alunas).

Ao ser afetado pelos signos da arte e ao passar em uma galeria de arte da universidade, o pensamento inicia um traçado, como se uma outra conexão fosse erigida do lugar onde estava, colocando-o em relação com os diversos caminhos que as fizeram estar ali.

Figura 4: Imagem IV escolhida por uma aluna (2023)



Fonte: Acervo dos autores (2023).

Certamente as produções não começam nem param por aqui. As redes de conversações continuam para além dos limites e as enunciações mostram que as estudantes têm muito a dizer sobre a escola, sobre os currículos, sobre a universidade onde estudam e têm muito a contribuir para os currículos na educação. Por que não oferecer mais espaços para que elas andem, desenhem, brinquem, montem quebra-cabeças e pintem outros currículos vivos? Esses seriam movimentos importantes para pensarmos a universidade a partir dos desejos universitários. Lembra a professora Nilda Alves:

Experiências potentes são trazidas em narrativas que, permitindo trocas e dando ideias possíveis de outras ações curriculares, criam acontecimentos. Por isso, não entendemos as memórias trazidas, com os acontecimentos curriculares narrados, como verdades a serem computadas, mas como possibilidades de ações futuras para qualquer daquelas/daqueles que ouvem o que é contado, tanto como para aquela/aquele que conta, em qualquer disciplina em que atuam ou nível de ensino ou região do país (Alves, 2024, p. 10).

É interessante pensar essas enunciações como resultantes de forças em relação, para além de um plano individual, mas um coletivo de forças como o plano da experiência cartográfica em curso e como o resultado da composição entre o plano de organização — de “formas” — e o plano aberto a variações — de “forças”.

O “plano de formas” corresponde ao plano de organização da realidade, ou seja, daquilo que é instituído, representável e estável. Ante ele, as enunciações apresentam modulações através de experimentações que indicam a constituição de um plano coletivo de forças, no qual “[...] não existem regras fixas e modos privilegiados de relação. As modalidades dos elos e as direções multiplicam-se nas diferentes composições momentâneas e locais entre as forças” (Escóssia; Tedesco, 2015, p. 97).

Escóssia e Tedesco (2015, p. 105) acenam para a cartografia como prática de constituição de um campo coletivo de forças, uma vez que, “[...] ao intensificar a comunicação, possibilitar relações entre relações, atrações e contágios, ativa o plano coletivo de forças — o coletivo transindividual”. Esse campo, por não possuir natureza individual, fixa ou regular, está aberto a variações e a deslocamentos, como nas narrativas das estudantes.

“A sensação é que não éramos estudantes daquele lugar...”

“Nossa turma era observada por todos que passavam, pois não é comum que as turmas saiam para experimentar o *campus*”.

“No caminho estava rolando uma roda musical e paramos ali, em rota de colisão cantamos animados e por alguns instantes me senti criança, cantei velhas músicas e novas que ainda nem tinha processado meu HD”.

“Ali nos despimos de preocupações e a brincadeira de montar aquele quebra-cabeças juntou os colegas e ali todo mundo queria montar as peças e saber qual era a artista, todos se ajudando e sentados no chão só evidenciou como pouco brincamos, o lúdico do brincar transforma” (Enunciações das alunas).

Esse processo de vivenciar outros espaços provocou questionamentos acerca do que é ser um estudante universitário que caminha pelo *campus*, ao habitar novos lugares, questionamentos sobre o que experienciamos e sobre o que deixamos de experimentar... São processos de desterritorialização dos corpos ante as forças de segmentações disciplinares individualizantes e ante normativas também presentes na universidade que impedem — ou tentam impedir — a passagem de devires que expandem processos inventivos.

Nesse desejo social da coletividade definida como um corpo político — um coletivo de forças — inscreve-se a perspectiva de currículo como composição de corpos entrelaçados por forças em relação que evocam a produção de subjetividades inventivas, abertas às experiências de alegria que escapam às tentativas de modelização e controle.

“A universidade exala currículo pelo *campus*, nos prédios e suas organizações, no colegiado, nas frases, desenhos, grafites, pinturas nos

prédios, na biblioteca, na exposição Moradores da Floresta e até mesmo nas árvores. O currículo vai além de um documento, ele é gestão, colaboração, conhecimento sobre relações sociais, aspectos humanos e cultura”.

“Cada prédio de cada curso é totalmente diferente, principalmente em aspectos estruturais, decoração, iluminação. Nosso prédio é bem iluminado, com amarelinha na entrada, alguns cartazes de Paulo Freire e frases coladas na parede, alguns cartazes falando sobre vários temas relacionados à educação e à infância, feitos em diversas disciplinas, mesmo assim, paredes bem brancas. Já o de Artes, por exemplo, tem pinturas por todo lado, em todas as paredes, as salas são diferentes, dentro do prédio tem um espaço aberto, é totalmente diferente. São diferentes tipos de currículo, diferentes formas de se ver o mundo. Isso com certeza reflete nos currículos educacionais (disciplinas) e o currículo que nos compõem (sentimentos, pensamentos). Além do que foi discutido durante o *tour*, a respeito da diferença entre os prédios de pós-graduação e de graduação. Nos mostra a diferença de importância dada e o que essas pessoas responsáveis pensam de currículo”.

“Currículo também se faz como política, como luta, como lugar de questionamento e de democracia, de puro envolvimento. Sendo assim, todos nos constituímos como currículo, num entrelaçamento dos seres e partilha de conhecimentos e ideias” (Enunciações das alunas).

Deleuze e Guattari (2012), em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia v. 4*, propõem pensar os territórios a partir dos sentidos e dos modos de expressão, e não por seus aspectos utilitários ou funcionais. Sendo modos de expressão, esses territórios não são estanques, não possuem fronteiras previamente demarcadas e podem ser subjetivos, afetivos, estéticos, sociais, históricos, econômicos e políticos em suas dimensões macro/micro, entre outros...

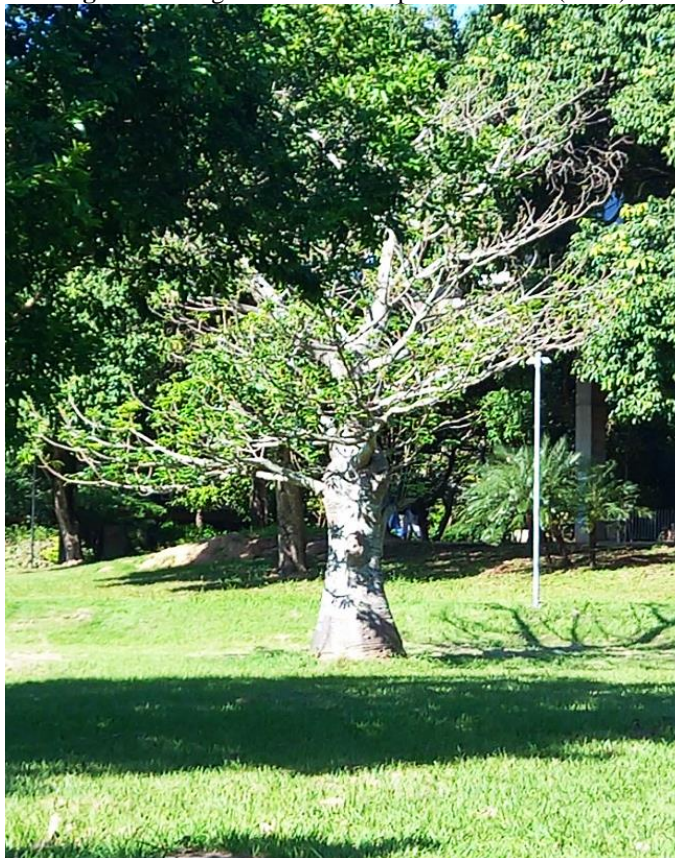
Nesses territórios, os encontros entre os corpos dão a ver novos afetos que registram outras marcas, pois podem desterritorializar a suposta estabilidade de um território, engendrando a produção de corpos outros e/ou reterritorializações. O que há neles são forças em relação, linhas que não cessam de migrar para uma geografia nova. Não há um território que não seja marcado por processos de desterritorializações (Rolnik, 2007).

3. CURRÍCULOS E ENCONTROS

“Que lindo dia ensolarado
Unidos ao pé de um Baobá
Entre amigos
Baobá símbolo de vida e futuro
Resistência e liberdade
A montar um quebra-cabeça
-
Colocando de lado os medos
Angústias
Brigas

E compartilhando a
Construção de nossos currículos
Aprendizados e experiências na vida” (Enunciações da aluna).

Figura 5: Imagem V escolhida por uma aluna (2023)



Fonte: Acervo dos autores (2023).

Ao habitar esse lugar-universidade para além da sala de aula, ousamos aproximações com forças que se movem junto às fronteiras, ou seja, movimentam o pensamento para uma diferenciação no decorrer dos encontros intensivos travados com os vários outros espaços e habitantes humanos e não humanos que povoam o *campus*. O mapa traçado nesse exercício se fez não pela observação e representação, mas sim na experimentação com o lugar-universidade.

Nessa perspectiva intensiva, essas forças tendem a deslocar o pensamento quando experimentadas durante as errâncias, colocando-o em devir. Pode-se dizer que, por meio de uma potência intensiva, desencadeiam uma desterritorialização no pensamento, abrindo-o para possíveis reterritorializações (Deleuze; Guattari, 2012). Assim, novas aprendizagens e currículos se fazem em meio ao *campus* universitário.

As experimentações com as estudantes do curso de Pedagogia suscitaram em nós uma série de questões que nos forçaram efusões entranhadas em outros espaços para além da sala de aula, fazendo o pensamento movimentar e vivenciar outras experiências curriculares para além das tentativas de formatação dos currículos e dos professores, tão presentes nos sistemas de ensino e nas políticas curriculares que tentam sufocar as experiências do ato de educar. Tais experimentações apontaram possíveis em que a vida pode perseverar em meio a conhecimentos produzidos na relação aos lugares vividos.

Figura 6: Imagem VI escolhida por uma aluna (2023)



Fonte: Acervo dos autores (2023).

Afirmamos a necessidade de pensar os currículos em suas possibilidades de abertura às vivências, como bifurcações em interstícios, descaminhos e linhas de fuga. São possibilidade de mudança das tão endurecidas estruturas curriculares (prescritivas, hierárquicas e disciplinares), que agora “[...] se perdem nesse intenso e imenso navegar nas

imagens, nos sons, nas memórias, nas leituras, nas culturas vivas criadas nos contatos cotidianos de nossos tantos mundos[...]” (Alves, 2024, p 10).

Entendemos por currículos os encontros de corpos que não cessam de migrar e inauguram uma geografia nova nas dimensões do viver: éticas, estéticas, políticas e poéticas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. Ainda disciplinas? Por quê? Pensar essas questões com os cotidianos. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 19, p. 1-11, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.19.23372.063>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/23372>. Acesso em: 16 nov. 2025.
- DELEUZE, G. **A lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: 34, 2013.
- DELEUZE, G. **Cursos sobre Spinoza** (Vincennes, 1978-1981). Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2019.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: 34, 2012.
- ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 92-108.
- FORÇA estranha. Intérprete: Roberto Carlos. Compositor: Caetano Veloso. In: ROBERTO Carlos. Intérprete: Roberto Carlos. [S. l.]: Columbia, 1978. 1 LP, faixa 9.
- KRENAK, A. **Caminhos para a cultura do bem viver**. Org. Bruno Maia. [S. l.: s. n.], 2020.
- MASSEY, D. B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- SPINOZA, B. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Artigo recebido em: xx/xx/xx | Artigo aprovado em: xx/xx/xx | Artigo publicado em: xx/xx/xx